

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

MARÇO/1985

Até Quando Senhor?

Pág. 4

Descobrimo Oportuni- dades para Testemunhar

Pág. 9

1000 Dias de Colheita

Pág. 12

I. Conceito de Lei no Pentateuco

Pág. 14



Um Alvo demasiado elevado?

ERICH AMELUNG

O alvo mundial da oferta especial da sessão da Conferência-Geral de 1985, destinada à estação radiofónica de Guam, foi fixado em 5 milhões de dólares. À Divisão Euro-Africana foi atribuído um objectivo de 800 dólares, pelo que, após a repartição pelas suas Uniões, à União Portuguesa coube o alvo de Esc. 1 300 000\$00.

Foram estabelecidas duas datas para esta oferta:

O Sábado, 9 de Março e o Sábado, 25 de Maio.

Será o nosso alvo demasiado elevado?

Não há, neste mundo, tarefa mais importante do que cumprir a missão que Jesus confiou à Sua Igreja: a proclamação do Evangelho do Reino Eterno a todos os homens. Queremos nós guardar para nós mesmos esta convicção bíblica da próxima volta do Salvador? Será suficiente saber qual o destino do nosso mundo? Jesus disse claramente: «Ide por todo o mundo...» (Marcos 16:15).

Há no nosso planeta muitos territórios que nada sabem da esperança que a Bíblia nos revela. A estação radiofónica que será estabelecida na ilha de Guam difundirá a nossa mensagem para territórios onde vivem perto de 2 biliões e meio de habitantes. Também eles devem tomar conhecimento de que Deus, ao fixar um termo à história deste mundo, providenciou, também, um novo começo e que a volta de Jesus Cristo, com poder e grande glória, está às portas.

Os nossos membros de igreja responderam generosamente aos apelos feitos para auxiliar a Etiópia: foram enviados vários camiões com víveres para essas populações que estavam a morrer de fome, através dos serviços de assistência da denominação (ADRA).

Estamos convencidos de que também responderão favoravelmente quando se trata de combater a fome *espiritual*. A mensagem de Jesus é «o pão da vida» (João 6:48) que desejamos repartir abundantemente.

Não quisemos fixar um alvo para cada membro de igreja. Que cada um se sinta livre de participar nestas duas ofertas com um dom correspondente às suas possibilidades, o qual lhe trará, certamente, a satisfação íntima de participar numa grandiosa obra.

Acreditamos firmemente que o objectivo não é demasiado elevado, porque sabemos, também, que Deus abençoará a cada um pela sua liberalidade.

Antecipadamente agradecemos a todos os que dão com alegria (II Cor. 9:7).

Tesoureiro da Divisão Euro-Africana

Pensamento do Mês:

«As aflições são os nossos melhores educadores. Podemos ver mais longe através de uma lágrima, do que através de um telescópio.»

Autor desconhecido

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Março 1985

Ano XLVI • N.º 462

DIRECTOR:

J. Morgado

PROPRIETÁRIA E EDITORA:



Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, lote 18

2686 Sacavém Codex

Telef. 2510844

PREÇOS:

Assinatura Anual	450\$00
Número Avulso	45\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.

Vale Travelho • Pedreiras

2480 Porto de Mós

Telef. 42413

DEPÓSITO LEGAL N.º 2705/83

Mil Dias de Colheita

«... Vede as searas que já estão brancas para a ceifa...» João 4:35

Quando este número da Revista Adventista chegar às mãos dos prezados Leitores, estaremos aproximando-nos, rapidamente, do final desta Campanha dos Mil Dias de Colheita, Campanha em que a Igreja Adventista esteve empenhada, e que dizia respeito, individualmente, a cada membro de Igreja.

A Igreja não poderia realizar este plano se estivesse sozinha, se contasse apenas com as suas próprias forças, com a sua própria habilidade. A Igreja contava, ao envolver-se nesta grande Campanha, com o cumprimento da promessa do Espírito Santo, que nela haveria de desempenhar um extraordinário papel. «A Ele seja a glória...» (I Pedro 5:11).

No livro de Joel é-nos dito que o Senhor haveria de derramar «o Seu Espírito sobre toda a carne» (Joel 2:28). E, falando deste poder, à disposição da Igreja, nos últimos dias, e dos resultados que se obterão, a Ir. White afirma:

«Aproxima-se o tempo em que haverá tantas conversões num dia como houve no dia de Pentecostes, depois de os discípulos terem recebido o Espírito Santo.» Evangelismo, p. 692.

Mas voltemos ao livro do profeta Joel. A mensagem continua, dizendo: «Lançai a foice, porque já está madura a seara.» (3:13). A mesma mensagem é proclamada por Jesus ao falar do mundo que estava pronto para receber a

Sua mensagem. E Ele nos deu o exemplo: «Percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas e pregando o evangelho do reino, e curando todas as enfermidades entre o povo» (Mateus 9:35).

É necessário que procuremos desempenhar-nos da tarefa de que o Senhor nos incumbiu. A seara é realmente grande, mas, tendo à nossa disposição o Espírito Santo, será possível chegar ao fim vitoriosamente.

Nestes MIL DIAS DE COLHEITA, qual foi a nossa parte? Que esforço fizemos, fora do vulgar? Que almas procurámos interessar na Verdade?

Algumas igrejas cumpriram plenamente a sua parte, esforçaram-se, obtiveram resultados. Outras, infelizmente, não podem dizer a mesma coisa.

Poucos dias nos separam do fim da campanha. Não poderíamos, ainda fazer alguma coisa?

O dia 25 de Maio deve ser uma festa espiritual em cada igreja. Em todos os lugares onde existe uma Igreja Adventista, aí se deve realizar uma cerimónia baptismal. Deve ser um dia de alegria, de louvor, de acção de graças. As igrejas devem organizar um programa que envolva todos os departamentos.

Durante os meses de Abril e Maio realizar-se-ão em todas as igrejas Campanhas de Evangelização. A mensagem será, novamente, apresentada e, de novo, teremos a possibili-



dade de convidar os nossos amigos, vizinhos e conhecidos para ouvirem a Palavra de Deus.

A característica da Igreja primitiva era que o trabalho tanto se realizava no templo como nas casas (Actos 20:20). Não dispunham, aqueles nossos irmãos na fé, de folhetos, revistas, livros, de emissões de Rádio, etc. Mas possuíam o fervor para transmitir pela palavra e pelo exemplo a sua mensagem cristã.

Convido cada um dos meus prezados Irmãos a fazerem um esforço especial nestes últimos meses que nos separam do fim desta Campanha. Ainda poderemos fazer muito se, tão-somente, estivermos dispostos a colaborar com o Senhor na obra de salvação das almas.

«Quando tivermos sincera e inteira consagração ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá este facto mediante um derramamento do Seu Espírito, sem medida; isto, porém, não terá lugar enquanto a maior parte da Igreja não estiver colaborando com Deus.» — Evangelismo, p. 699.

Que o Senhor permita que muitas almas possam ainda ser ganhas até ao fim da Campanha dos MIL DIAS DE COLHEITA!

J. Morgado

Até Quando Senhor?

JEAN ZURCHER

Texto da pregação do Sábado 25 de Novembro de 1984, feita em Lisboa, por ocasião do 80.º aniversário da Obra em Portugal

1984 é um ano comemorativo muito especial. Há precisamente 140 anos que a mensagem adventista tomou corpo nos Estados Unidos, como resultado do grande desapontamento de 23 de Outubro de 1844.

No passado mês de Junho, celebrámos na Suíça, o centenário da primeira igreja adventista na Europa. E agora, é a vez de celebrar o 80.º aniversário do início da Obra em Portugal. Que este dia seja uma oportunidade de reconsagração individual e colectiva!

As profecias de *Daniel* e do *Apocalipse* convenceram os nossos pioneiros, tal como nos convencem hoje a nós, de que a humanidade chegou à última etapa da sua história, aquela que a Bíblia designa como «os últimos dias» ou «o tempo do fim». E o cumprimento dos sinais dos tempos levaram-nos à convicção de que, ainda em sua vida, eles haveriam de assistir ao regresso do Senhor nas nuvens dos céus. Todos eles pregaram a volta iminente de Jesus, e milhares de crentes responderam à sua pregação.

Mas eis que estes pioneiros, assim como a primeira geração de adventistas de Portugal, morreram «sem terem recebido as promessas». É certo que, como os patriarcas dos tempos antigos, eles «vendendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra» (Hebreus 11:13).

Como Abraão, eles esperavam «a cidade que tem sólidos fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus» (11:10).

Todavia, mais de um adventista faz hoje a si próprio a pergunta formulada pelas almas dos que outrora foram imolados por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus: «Até quando, ó verdadeiro e Santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?» (Apocalipse 6:9 e 10).

Até quando tardarás Tu?

O que hoje parece um atraso no cumprimento da promessa constitui para muitos adventistas, infelizmente, uma verdadeira provação de fé. Para alguns, é uma causa de dúvida, de arrefecimento, talvez de abandono e até de naufrágio da fé.

Era a situação da primeira geração de cristãos à qual o apóstolo achou que devia escrever: «Não rejeiteis, pois, a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque, ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará. Mas o justo viverá pela fé; e se ele recuar, a minha alma não terá prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma» (Hebreus 10:35-39).

Esta exortação fora primeiramente escrita em intenção dos cristãos da Igreja Apostólica, que esperavam a iminente destruição de Jerusalém e do Templo, o que os apóstolos pensavam que coincidia com o fim do mundo (Mat. 24:3). Mas ela dirige-se também a nós que vivemos nas vésperas da volta de Jesus. Ora, este texto confirma, em primeiro lugar, que a espera da vinda de Jesus constitui uma verdadeira prova de fé. Sublinha, a seguir, a brevidade da duração dessa espera. E, finalmente, afirma que Aquele que deve vir, «não tardará».

Nessa mesma altura e pelas mesmas razões, o apóstolo Pedro também achou necessário fazer uma declaração semelhante: «O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia...» (II Pedro 3:9). Não é também isto que pensam muitos de nós, hoje? Aliás, não disse o próprio Jesus na parábola das dez virgens: «tardando o esposo...» (Mateus 25:5). Que se passa, realmente? A impressão de um atraso está forçosamente ligada à noção humana de tempo. Por exemplo, quando se faz uma promessa a uma criança, ela espera sempre vê-la cumprir-se imediatamente ou o mais depressa possível. Para essa criança, toda a demora constitui um atraso. E quanto mais o tempo se prolongar, mais provável é que ela perca a paciência, se não perder mesmo o interesse naquilo que lhe foi prometido.

O mesmo acontece com o cristão que anseia pelo cumprimento da promessa do Senhor: «Eis que cedo venho». É por isso que Jesus também achou necessário advertir seriamente os Seus discípulos contra os perigos que pode representar para nós aquilo que consideramos como «um atraso» da Sua parte. A parábola das dez virgens e a do mau servo,

JEAN ZURCHER

Secretário da Divisão Euro-Africana

que dizia consigo: «O meu Mestre tarde virá», São disse uma viva ilustração (Mateus 24:48 e 25:1-12).

O Senhor não Se atrasa

Na execução do Plano da Salvação, Deus não previu qualquer atraso. Pelo contrário. Deus sempre cumpre todas as coisas no Seu devido tempo.

Paulo escreve aos Efésios (1:4 e 10) que Deus concebeu o Plano da Salvação desde «antes da fundação do mundo» para o executar quando chegasse a «plenitude dos tempos». Igualmente, no Seu discurso no areópago de Atenas, Paulo afirma que Deus tem determinado a duração dos tempos e os limites da habitação dos homens (Actos 17:26).

Seria fácil demonstrar até que ponto a primeira vinda de Jesus foi programada. Aos Gálatas, Paulo afirma: «Vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho...» (Gálatas 4:4). E aos Romanos, diz: «Cristo... morreu a Seu tempo pelos ímpios» (Romanos 5:6).

A segunda vinda de Jesus, está, do mesmo modo, perfeitamente programada por Deus. E, se «o dia e a hora» da Sua vinda constituem um elevado segredo [um *Top Secret*], conhecido apenas por Deus, Jesus afirma que o Pai, com a Sua própria autoridade, fixou, todavia, o momento exacto (Actos 1:7). Foi ainda Paulo quem disse aos sábios de Atenas que «Deus tem determinado um dia em que, com justiça, há-de julgar o mundo...» (Actos 17:31). E, de acordo com as revelações feitas a Daniel, sabemos, também, que há «um determinado tempo do fim...» (Daniel 8:19).

Como se vê, do princípio ao fim, a história da salvação inscreve-se num plano bem definido, preestabelecido, que Deus revelou, em parte, através dos Seus profetas. Não pode, por conseguinte, haver atraso na execução do programa fixado por Deus. É inconcebível que, na realização do plano da Salvação, Deus não tenha tudo previsto: as fraquezas do Seu povo, as vitórias do inimigo, as nossas falhas, as nossas cobardias, a nossa mornidão em realizar a Sua obra, etc.

Por isso, Pedro levanta-se fortemente contra a ideia de Deus poder demorar o cumprimento da Sua promessa. Deus é o Senhor do tempo. Para Ele, não há, nem passado, nem futuro. A Seus olhos tudo é presente. É o que Pedro também lembra aos crentes: «Amados, não ignoreis uma coisa: que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia» (II Pedro 3:8).

Por outras palavras: o calendário divino não é feito à medida do homem. O domínio do tempo, por parte de Deus, não permite supor que haja qualquer atraso no cumprimento da promessa. Não. «O Senhor não retarda a Sua promessa... mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (v. 9).

Para Deus, o essencial não é o tempo, mas a salvação de todos nós. E, se for preciso esperar, Deus esperará: «A longanimidade do nosso Senhor

é a vossa salvação» (II Pedro 3:15). [A versão das *Edições Paulinas* diz: «Crede que a longanimidade do Senhor é para vossa salvação», o que se aproxima da versão francesa: «Crede que a paciência do Senhor é a vossa salvação».]

O Tempo da Paciência de Deus

Conhecemos o plano de Deus. Sabemos que Ele «quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento de Deus» (I Timóteo 2:4). Por isso, providenciou para que o «Evangelho do reino» seja «pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes. E, então (só então) virá o fim» (Mateus 24:14).

Enquanto houver no mundo uma esperança de salvação, Deus terá paciência, será longânimo, tanto para com a Sua Igreja como para com o mundo. Porque Deus não quer «que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se».

Com efeito, vários textos afirmam que a paciência de Deus se prolongará até que a plenitude dos resgatados tenha sido atingida. Ele conhece o Seu número; quer salvá-los a todos. À pergunta: «Até quando tardarás tu a julgar...», o Senhor responde: «Até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram» (Apocalipse 6:9-11). Em Romanos 11:25, Paulo explica do mesmo modo que a paciência de Deus para com as nações se prolongará «até que a plenitude dos gentios haja entrado».

Não que se deva concluir, deste texto, que haverá uma conversão universal. Trata-se simplesmente de todas aquelas conversões que Deus, na Sua pré-ciência, conhece. Neste propósito, Deus faz reter os ventos da terra «até que tenhamos assinalado, nas suas testas, os servos do nosso Deus» (Apocalipse 7:3).

O Exemplo dos Pioneiros da Mensagem

Mesmo que o tempo não seja, neste caso, o problema essencial, ele sempre desempenhou uma importante função para todos os que creram na volta de Jesus. Foram os discípulos os primeiros a mostrar que queriam conhecer o tempo em que se haveriam de cumprir todos os acontecimentos preditos por Jesus no seu discurso profético: «Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?» (Mateus 24:3).

Do mesmo modo, no dia da ascensão, os discípulos renovaram a pergunta: «Senhor, restaurarás Tu neste tempo o reino a Israel?» E Jesus respondeu: «Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra» (Actos 1:6-8).

Dito por outras palavras: o importante não é conhecer a duração do tempo de espera, mas sim dedicar-se a evangelizar o mundo. Por havê-lo com-

preendido, os pioneiros do movimento adventista souberam tirar a lição que se impunha, a seguir ao desapontamento de Outubro de 1844. Ellen White foi, aliás, instruída para lhes dizer: «Uma vez e outra fui posta de sobreaviso contra as tentativas de fixar uma data... O Senhor mostrou-me que a mensagem deve avançar sem ter de depender do tempo... Nós não devemos deixar-nos absorver por especulações acerca do tempo e dos momentos que Deus não revelou.» O que Jesus disse aos Seus discípulos foi que deviam «vigiar», «esperar», «orar» e «trabalhar». A seguir e dando conta da experiência que tinham vivido, ela disse que eles, os pioneiros, tiveram que aprender a «esperar com perseverança na esperança.» — *Adventist Review*, 5 de Janeiro de 1984, p. 8.

Ora, esta maneira de esperar e ter esperança deu aos adventistas das gerações passadas a capacidade de serem neste mundo as testemunhas de que Deus tinha necessidade nos tempos do fim. Os nossos antecessores na fé e na esperança adventista encontraram uma maneira de esperar que até hoje dá um sentido e uma razão à nossa espera.

Primeiramente, os nossos pioneiros tomaram consciência do dever de levar a mensagem da próxima volta de Jesus ao mundo inteiro. E, para esta missão, o tempo de que pensavam poder dispor parecia-lhes demasiado curto. A seguir, esta mensagem não era, para eles, uma simples questão de doutrina, mas uma *maneira de viver*. Tratava-se, antes de tudo, de ser neste mundo um autêntico discípulo de Cristo, de andar como Ele andou, de viver como Ele viveu, de como Ele terem sido enviados ao mundo para dar testemunho de verdade. Por conseguinte, a religião assim compreendida não mais podia limitar-se à observância de um dia, fosse ele o sétimo, ao estudo da Bíblia, ou à oração. A religião devia, forçosamente, englobar todos os aspectos da vida: O beber e o comer, a maneira de falar e de agir, a maneira de ser e de parecer (Romanos 10:31; Colossenses 3:17).

Isto explica porque a mensagem adventista se dirige ao homem no seu todo, a todas as suas faculdades e actividades, físicas, mentais e espirituais. E, por conseguinte, ela exerce a sua influência no domínio da temperança, da reforma da saúde, da medicina preventiva, do respeito pelas leis da saúde, dos princípios da educação cristã, etc.

Eis o que faz a maneira autenticamente adventista de esperar a volta de Cristo. Uma espera que nada tem de passiva, nem de aborrecida, porque é essencialmente dinâmica, a exemplo da espera do servo prudente e fiel da parábola, o qual deu «o sustento a seu tempo». «Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim» (Mateus 24:45, 46).

De que modo esperamos nós?

Será esta a nossa maneira de esperar? Ou esperamos à maneira das dez virgens e do mau servo? O erro das dez virgens não foi não esperarem o Espo-

so. Foi terem adormecido enquanto esperavam, em vez de vigiarem. E o mau servo não é mau por pensar que o seu Mestre tarda a chegar. Ele é mau porque, enquanto espera, gasta o seu tempo a comer e a beber, e a espancar os seus companheiros.

Ellen White afirma que a experiência das dez virgens é, infelizmente, a de muitos adventistas dos nossos dias (*Parábolas de Jesus*, pp. 405-420). E diz também que «É a incredulidade, o mundanismo, a falta de consagração e a contenda entre o professo povo do Senhor que nos têm conservado neste mundo de pecado e dor por tantos anos.» — *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, p. 69

Reconheçamos humildemente a realidade desta situação entre nós. A secularização, o materialismo, o espírito de rebelião e de emancipação caracterizam cada vez mais a nossa sociedade, ameaçam perigosamente a nossa maneira de pensar e de agir. O estilo de vida de muitos adventistas cada vez se distingue menos do do Sr. Todo o Mundo. Em resumo: assiste-se a uma certa mundanização da Igreja.

É, pois, tempo de reagir. Roguemos ao Senhor que nos abra os olhos, a fim de que possamos ver em que domínio da nossa vida privada, familiar ou comunitária, este espírito do mundo nos toca directamente. Chegou o momento, para nós, de tomarmos consciência do tempo em que vivemos. A nossa maneira de viver, tal como a nossa pregação, devem testemunhar, sem equívoco, que esperamos novos céus e uma nova Terra. A nossa espera, se é baseada nesta certeza, deve, muito naturalmente, manifestar-se num testemunho para honra e glória de Deus. «Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser, em santo trato e piedade, aguardando e apressando-vos para a vinda do dia de Deus» (II Pedro 3:11).

«Olhai por vós...»

Todas as vezes que Jesus falou aos discípulos, da Sua volta em glória, exortou-os a vigiar, a orar e a trabalhar pela Sua Causa.

«Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor» (Mateus 24:42). «Estai vós apercebidos, também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis» (Mateus 24:44). «Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há-de vir» (Mateus 25:13). «Olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós, de improviso, aquele dia. Porque virá como um laço, sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do filho do homem» (Lucas 21:34-38).

Eis algumas das exortações de Jesus dirigidas a todos os que crêem na Sua vinda e que a esperam com perseverança. Conseguimos nós ouvi-las ainda? Qual é a nossa reacção? Estamos prontos, hoje, a

renovar o nosso compromisso de discípulos de Cristo e a viver, neste mundo, de harmonia com a esperança que professamos?

Este 80.º aniversário do início do Movimento Adventista em Portugal parece-me perfeitamente indicado para um apelo a uma nova consagração de todos nós que pretendemos pertencer ao povo de

Deus dos últimos dias. «Isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitámos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz» (Romanos 13:11 e 12).

Duplo Aniversário

80 anos da Igreja em Portugal

60 anos da dedicação da Igreja de Lisboa-Central

J. MORGADO



O ano de 1984 foi duplamente importante para a nossa Obra em Portugal. Duas datas especiais foram comemoradas no dia 25 de Novembro de 1984 — o 80.º Aniversário da Obra Adventista em Portugal e o 60.º Aniversário da dedicação do Templo da Igreja de Lisboa Central.

O programa, enviado para todas as Igrejas e Grupos, começava com uma reunião de acção de graças, sexta-feira à noite. Quantas coisas o Senhor tem feito por nós durante estes últimos anos!

No Sábado de manhã, além das reuniões em todas as Igrejas e Grupos da nossa União, realizaram-se duas reuniões especiais: no Porto e em Lisboa.

A reunião para a região do Porto teve lugar no Pavilhão da União de Bancos, em Vila Nova de Gaia, com a presença dos Pastores B. Jacobs, Secretário-Adjunto da Conferência-Geral, e João Belo dos Santos, Secretário-Tesoureiro da nossa União. A seguir à Escola Sabatina, feita em conjunto pelas igrejas da área, o Pastor Jacobs dirigiu o culto de consagração e acção de graças. A parte musical, que contribuiu para dar elevado cunho espiritual às reuniões, esteve a cargo das Igrejas de Espinho e Oliveira do Douro.

De tarde, na igreja de Oliveira do Douro e para os membros da região do Porto, teve lugar uma reunião especial de comemoração do 80.º aniversário, programa sob o lema «*Renovar o Espírito dos Pioneiros*», também a cargo do Pastor Jacobs.

As igrejas da área de Lisboa reuniram-se no salão do cinema Império, devidamente preparado para o efeito, e que estava repleto de irmãos e irmãs, e jovens das várias igrejas da Capital e arredores. Após a Escola Sabatina, dirigida pelo Pastor José Carlos Costa e em que colaboraram irmãos de diver-

sas igrejas, teve lugar o culto solene a cargo do Pastor J. Zurcher, Secretário da Divisão Euro-Africana, à qual pertencemos. Ele chamou a nossa atenção para a bem-aventurada esperança da Igreja e sua razão de ser, a vinda de Jesus, frisando que «O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia, mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se» (II Pedro 3:9). Para Deus, o que importa não é o tempo, mas a salvação de todos.

De tarde, teve lugar a cerimónia comemorativa do 60.º aniversário da Igreja de Lisboa, e de novo se reuniram irmãos vindos das várias igrejas da zona de Lisboa, que enchiam o templo de Lisboa. Depois da Cerimónia de Consagração ao Ministério do Irmão Manuel Garrido, realizou-se uma cerimónia evocativa dos 60 anos do belo templo da Rua Joaquim Bonifácio.

Foi lembrado que o terreno em que se construiu o edifício se comprou em 1923 e que a cerimónia de dedicação tivera lugar em 24 de Novembro de 1924. Chamou-se à tribuna o Pastor António Dias Gomes, que assistira ao lançamento da primeira pedra e que relembrou o acontecimento, e outros irmãos que também tinham estado presentes ao lançamento da primeira pedra e à dedicação da igreja, juntaram-se ao Pastor Gomes: Milca Morgado, Rosa e Alda Raposo, Laura e José Graça. Evocaram estes irmãos alguns momentos da obra nesses primeiros tempos — um templo enorme para um pequenino grupo; os vários obreiros que por ali passaram, as dificuldades que enfrentaram para realizar o trabalho de pregação do Evangelho.

Seguidamente, chamaram-se à tribuna os Ir-

mãos baptizados nesta igreja de Lisboa há mais de 40 anos e foi com alegria que vimos um grupo de 27 irmãos levantarem-se e receber um emblema comemorativo: Irmãos e Irmãs que ao longo destes anos — 60, 58, 46, etc. — têm servido o seu Mestre e têm contribuído com a sua quota-parte para que esta mensagem fosse pregada na cidade de Lisboa e daqui irradiasse para outros lugares do nosso País.

Encontravam-se ainda na sala mais 12 Irmãos com mais de 40 anos de baptismo, mas noutras igrejas da nossa União.

Foram também lembrados os Obreiros que passaram pela Igreja de Lisboa e entre eles o Pastor Ernesto Ferreira que também dirigiu a nossa União durante vários anos.

Seguidamente procedeu-se à inauguração de uma pequena Exposição bibliográfica com elementos da história desta igreja e também da Obra em Portugal: fotografias dos primeiros crentes de Lisboa e Porto, etc., livros de registo da igreja de Lisboa com os nomes dos mais antigos membros, livros de actas da Escola Sabatina de várias igrejas, publicações diversas, entre elas o primeiro e o segundo livro publicados em Portugal, notícias de jornais e revistas sobre a Igreja Adventista, uma série de documentos

pertencentes ao primeiro pastor da Igreja do Porto, José Abella, e alguns livros das nossas antigas casas editoras, incluindo revistas Adventistas Ibéricas e a colecção da Revista Adventista portuguesa e da Saúde e Lar. Muitos irmãos colaboraram connosco na preparação desta Exposição, doando-nos ou emprestando-nos diverso material. Uma parte desta Exposição foi depois mostrada nas igrejas do Norte.

Quão maravilhosamente o Senhor tem abençoado a Sua Obra em Portugal! Que diferença entre aquela igreja dedicada há 60 anos e as 67 igrejas e 20 Grupos que a nossa União agora tem por todo o País, dos quais 51 em edifícios próprios, além das Escolas, da Publicadora e do LAPI! Por tudo demos graças ao Senhor naquela tarde de Sábado. E dizemos:

Louvado seja o Senhor!

Entretanto, na sala dos jovens, no rés do chão, um bolo com 60 velas reuniu em volta de si os membros da igreja de Lisboa Central.

Esperamos não ter de comemorar muitos mais aniversários desta natureza, nesta Terra, mas esperamos que rápido venha o dia em que numa outra Mesa, festejemos juntos com o nosso Salvador, a chegada do Reino Celestial!

Janelas sobre o Mundo

A Vaca que (não) foi vendida ao Sábado

Há algum tempo, ouvi uma história bastante instrutiva. Passou-se num Sábado.

Após o culto, João decidiu ir dar um passeio de carro com a família.

O dia estava magnífico e os campos, lindos de ver! Aqui e além, searas ondulantes anunciavam farta messe, as árvores ostentavam pequenas promessas coloridas, algumas em flor, outras com pequeninos frutos já a despontar. De longe em longe, e para regalo das crianças, avistavam-se rebanhos debicando a erva tenra e verde que servia de fundo ao prado semeado de flores e frutos.

— Que lindo que é isto aqui! — murmurou uma vozinha, lá atrás.

— Sim, a Natureza aqui é muito bela. A paisagem é uma verdadeira maravilha! Olha, estamos perto da propriedade do Ir. Sousa!

— Ouvi dizer que é uma

propriedade muito grande, com pomares, criação de gado...

— E se fôssemos visitar o Ir. Sousa? — propôs João.

— Boa ideia, respondeu a esposa. E os filhos dele são da idade dos nossos.

— Vamos! vamos!

O Ir. Sousa ficou radiante com a visita.

— Sabem, moramos muito longe. Nem sempre podemos ir à igreja e fomos agora estudar a Escola Sabatina. Ainda bem que vieram, pois podemos estudá-la juntos.

E assim foi feito.

Um pouco mais tarde, o Ir. Sousa perguntou:

— Gostariam de dar uma volta pela quinta?

E lá foram todos.

— Que belo pomar o Irmão Sousa aqui tem! Faço ideia do trabalho e do investimento que estes pomares exigem!

— Sim, claro. Mas o pior, aquilo que dá realmente tra-

balho, é a criação de gado. Aliás, é dessa exploração que a quinta e todos nós vivemos! O irmão já vai ver.

E, andando, andando, chegaram à vacaria. Enorme, moderna, comportava várias cabeças de gado e de várias raças e idades. As crianças ficaram entusiasmadas, quizeram dar o biberão a um bezerinho que nascera havia poucos dias. Como era excitante morar num lugar assim!

— Nós — explicou João — temos uma pequenina propriedade. Diversas vezes tenho pensado em me lançar num empreendimento destes, claro, mais modesto...

— Bom, se não fosse Sábado, eu mostrava-lhe uns animais que ali tenho separados e que vão amanhã ao mercado.

— Bem, acho que os podemos ver. O Irmão não nos vai vender e eu não lhos vou comprar. Qual é o problema de ver?

— Então vamos. Olhe, são estes. Que me diz?

— Que belos animais! Mas vende também vacas! Há algumas a dar leite?

— Esta aqui, para o ano já dá lucro. É boa reprodutora e é uma bela leiteira!

— Se não fosse Sábado, eu perguntava-lhe quanto valia esta vaca.

— Bem, posso dizer-lhe. No mercado, não a compra por menos de 60 contos. Aqui, directamente — e para mais um irmão na fé! — deixava-lha por 45!

— Se não fosse Sábado, talvez fizéssemos negócio. Acho que é de um animal destes que nós estamos a precisar. Mas, de qualquer maneira, não tinha meios de o levar no carro...

— Ai, levava sim! Nós temos aí umas armações próprias de atrelar aos carros e tenho uma que se adapta perfeitamente à vossa carrinha. E logo ma devolvias, não havia pressa. A vaca ali viajava que era uma maravilha. Bom, mas hoje é Sábado, não se faz negócio. Olhe, venha tomar um refresco. Estão a chamar-nos!

— Irmão Sousa, gostei muito de ver a sua propriedade. Nós ainda vamos dar uma voltinha, pois o dia está bonito. Mas ao sol-posto volto cá para fazermos o negócio, porque agora ainda é Sábado...

E assim, a vaca (não) foi vendida ao Sábado.

Maria Rosa Baptista

Descobrendo Oportunidades para Testemunhar

S. F. MONNIER

Em artigos anteriores, o último dos quais publicado em Setembro de 1984, vimos como poderíamos ganhar almas para Cristo, suscitando e desenvolvendo interesse pela Sua Palavra, e levando os membros da nossa família, os nossos amigos e vizinhos a uma melhor compreensão dos Seus princípios. Recordemos alguns elementos-chave.

1. Hospitalidade — partindo o pão
2. Amizade — interesse genuíno
3. Dar o nosso testemunho
4. Ler uma promessa da Bíblia
5. Uma oração simples, sincera e que mostre interesse.

Vejam, quem encontramos nós, diariamente, no nosso trabalho ou nos nossos estudos? As pessoas que trabalham no campo podem não ter oportunidade de encontrar muitas pessoas; todavia, a maioria dos nossos membros de igreja não trabalham no campo nem estão em casa. Estão, sim, permanentemente em contacto com outras pessoas. Nesses contactos temos de quebrar os preconceitos e desenvolver confiança e amizade. Não precisamos de anunciar que somos Adventistas do Sétimo Dia. Precisamos de viver e de agir de tal modo que as pessoas ao nosso redor se perguntem o que faz com que o nosso carácter, as nossas palavras e acções sejam impregnadas de amor e bondade. Em breve descobrirão que há uma relação entre a nossa religião e a nossa vida diária, entre a nossa fé interior e a nossa atitude exterior.

«Um dos meios mais eficazes de conquistar almas para Ele [Cristo]

é exemplificar-Lhe o carácter na vida diária. A nossa influência sobre os outros não depende tanto do que dizemos, como do que somos. Os homens podem combater ou desafiar a nossa lógica, podem resistir aos nossos apelos; mas a vida de amor desinteressado é um argumento que não pode ser contradito. Uma vida coerente, caracterizada pela mansidão de Cristo, é uma força no mundo.» *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 100.

Depois de termos feito amizade com os nossos colegas de trabalho, haveremos de convidá-los a virem à nossa casa. Esta estará aberta em hospitalidade, tal como os lares dos primitivos cristãos.

Talvez alguns digam: «Mas eu vivo sozinho. Que hei-de fazer?» Eu sei de vários homens que convidam os seus colegas para irem almoçar com eles a restaurantes modestos mas bem escolhidos e que depois, num canto mais sossegado, após uma refeição simples, lhes lêem uma promessa da Bíblia e fazem uma breve oração. Sim, é possível orar num restaurante sem que ninguém dê por isso. Mas que poderoso testemunho podeis dar! Os problemas, as alegrias, ou as dores do vosso novo amigo podem ser apresentados a Deus numa oração breve mas poderosa!

Quando se tratar de um convite para a vossa casa, segui o plano que apresentámos no artigo em que falámos da maneira de dar testemunho aos nossos vizinhos.

Todos nós temos muitos encontros casuais: num autocarro, comboio, avião, numa loja, numa sala de espera, num jardim. Há muitas pessoas simpáticas e abertas. Muitas correspondem a um sorriso, a uma pergunta e até a uma simples observação. Muitas sen-

tem-se sós. Estão à espera de que alguém lhes fale. Quando viajo, estou sempre a ler uma destas duas coisas: o jornal ou a minha Bíblia.

Quando se lê a Bíblia, é fácil falar com o nosso companheiro do lado, perguntar-lhe se tem uma Bíblia e se a lê de vez em quando. Podemos dizer-lhe que também nós temos muito pouco tempo, mas que é uma felicidade poder ler a Bíblia. Se for verdade, digei: «Não sei como poderia viver um dia sem ler a minha Bíblia.»

É estranho que, embora nunca nos esqueçamos de comer duas ou três vezes por dia, nos esqueçamos, por vezes dias e semanas, de abrir o precioso livro de Deus para alimentar a nossa alma. É por isso que hoje há tantas pessoas desesperadas. Não sabem onde encontrar a força espiritual de que tanto precisam.

Quando eu estou a ler o jornal, não é tanto para saber o que acontece no mundo, mas para o usar como uma maneira de alcançar os que estão ao meu redor. Eu começo assim a conversa. «Já leu o jornal desta manhã?»

A pessoa ao meu lado responde «Sim» ou «Não».

Então, eu digo: «A propósito, deixe que me apresente. O meu nome é Monnier. Olhe para isto!» E então, durante 20 segundos, eu volto as páginas do jornal e aponto para os cabeçalhos de notícias tristes e dramáticas. E concluo com uma pergunta: «Que acha destas notícias?» depois de ele ou ela dar a sua opinião, eu faço uma pergunta susceptível de provocar uma reflexão mais profunda: «Mas, para onde vamos nós?» E começamos a discorrer sobre a violência, o colapso económico, a guerra, as drogas, as doenças e assim por diante, o que nos leva

S. F. MONNIER

Director-adjunto do Departamento de Actividades Leigas da Conferência-Geral

ao que a Bíblia tem a dizer sobre tudo isto. Eu estou preparado com uma promessa bíblica adequada e, se a ocasião se proporcionar, não deixarei de fazer uma pequenina oração.

Se houver mostras de interesse num destes contactos, dai o vosso nome e número de telefone e pedi o seu. Então, escrevei-lhe uma palavrinha e enviái-lhe uma das nossas Revistas. Telefonai-lhe. Este é um dinheiro bem empregue. De muitos contactos, somente poucos se mantêm e aceitam a vossa amizade e, mais tarde, estudos bíblicos. Mas alguns se hão-de manter e aceitar a paz do Céu e, quem sabe, talvez venham a ser baptizados, mais tarde!

Nem sempre é fácil fazer uma oração num autocarro ou numa sala de espera, mas não deixeis de encarar essa possibilidade. Eu já orei dezenas de vezes em aviões e posso indicar pelo nome diversas pessoas cujo contacto com a mensagem começou assim e acabaram por pertencer à igreja.

Um dia, encontrava-me eu viajando de comboio, na Suíça. Encontrei um jovem e sentou-se em frente de mim. Ele parecia desejar de começar a falar comigo, como quem tinha algo para me dizer. Eu quis dificultar-lhe as coisas e por isso não tirava os olhos do jornal. Finalmente, ergui a cabeça e ele disse-me:

- Sabe, recebi boas notícias!
- Sim? Quais?

— Sou pai. Vou para Genebra ver a minha mulher e o meu filho recém-nascido.

E começou a descrever-me o bebé que ele nem sequer tinha visto ainda. Mas ele *queria* partilhar a sua boa notícia!

Olhai à vossa volta. Se as pessoas tiverem notícias tristes, desejam partilhá-las para receberem compreensão e talvez até compaixão. Precisam de aliviar as suas almas. Como cristãos, não deveríamos perder uma oportunidade de deixar as pessoas falarem de si, abrirem os seus corações. E, por nossa vez, deveríamos dirigir os seus pensamentos para Jesus e para os tesouros eternos.

Não deveríamos nós decidir que, ao contactarmos com as pes-

soas, havemos de mencionar o nome de Jesus e expressar a nossa alegria, felicidade e esperança n'Ele? Testemunhar não devia ser um plano ou um programa da Igreja, mas um fogo ardente no coração salvo e nascido de novo. Nós deveríamos ser um planeta reflectindo a luz e o amor de Jesus. Testemunhar é um reflexo do carácter de Cristo nas nossas vidas e a expressão da nossa alegria por O conhecermos.

Vejam as chaves que nos permitem estabelecer contactos que levarão as almas a decidir-se pela verdade.

A primeira chave, de bronze, é o nosso *testemunho*. Quando encontramos alguém, devemos saber o que dizer. Deveríamos ligar a conversação comum, de todos os dias, sobre o tempo, a família, a profissão e os problemas educacionais, com o desejo do nosso coração de falar do nosso melhor Amigo. Deveríamos estar preparados para dar testemunho a qualquer pessoa e em qualquer lugar. O nosso testemunho deveria relatar o nosso próprio encontro com Jesus de uma maneira tal que despertasse o maior interesse na mente. Pensai num incidente da vossa vida que vos aproximou mais de Deus. Escrevei-o; usai palavras que inflamem a imaginação com a importância das boas novas que desejamos partilhar.

Como cristãos, não deveríamos perder uma única oportunidade de deixar as pessoas falarem de si, abrirem os seus corações. E, por nossa vez, deveríamos dirigir os seus pensamentos para Jesus e para os tesouros eternos.

Em primeiro lugar falai da vossa vida antes de terdes encontrado a Jesus. A seguir contaí como O encontrastes e o que aconteceu. A última parte deve conter a vossa experiência até ao presente. Este testemunho básico deve demorar apenas dois a três minutos, mas sem dúvida que ele há-de dar os seus frutos.

Talvez possais objectar: «Mas eu nasci num lar cristão. Não tenho nenhuma experiência para contar. A minha vida foi sempre uma vida espiritualmente feliz.» Então, nesse caso, porque não tomar contacto com uma experiência interessante que uma outra pessoa tenha tido? Se nasceu num lar adventista e não teve uma experiência especial com Jesus, se a sua vida espiritual foi sempre feliz através dos anos, dê graças a Deus! É uma pessoa privilegiada.

Mas, o que acha? Pode falar da experiência de uma outra pessoa que teve de fazer drásticas mudanças na sua vida. Conte a experiência dele ou dela. Pode contar como esta pessoa ignorava a verdadeira religião até que encontrou a Jesus, e como toda a sua vida foi transformada. A sua mente tornou-se mais clara, a sua saúde melhorou e em breve passou a pertencer à categoria dos cristãos felizes.

O nosso testemunho deveria ser a verdade absoluta, sem qualquer exagero. Só devemos apresentar factos. Ao preparar este testemunho, devemos ter em mente as pessoas que o ouvirão e o modo como elas se relacionarão com ele. É nosso dever, não apenas dar testemunho, mas, também, dá-lo de tal modo que as pessoas gostem de o ouvir, se interessem e façam perguntas que resultem em amizade e confiança.

Eis dois simples testemunhos:

«Cresci num lar cristão, onde fui ensinado a ir todas as semanas à igreja. Como então acontecia com muita gente, cheguei ao ponto em que a igreja já não significava grande coisa para mim; voltei as costas a Cristo e fui para o mundo. Ia de vez em quando à igreja, mas isso não tinha um verdadeiro significado para mim até ao dia em que três pessoas visitaram a nossa casa.

«Eram dois homens e uma senhora. Tivemos uma conversa sobre a Bíblia e eles deixaram alguma literatura. Li a maior parte desta literatura e recomecei a ler e a estudar a Bíblia de uma maneira como nunca tinha feito antes e descobri o que significa ser cristão

e viver uma vida cristã. Descobri quem é realmente Jesus e procurei seguir os Seus ensinamentos.

«Apesar de alguns fracassos na minha vida, sentia que havia algo para que valia a pena avançar. Senti-me feliz e, até ao dia de hoje, sinto-me feliz. Tenho uma maravilhosa esposa cristã e ambos nos regozijamos em Cristo. A nossa vida é uma vida plena, com a bênção de Deus.

«Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por Seu decreto» (Rom. 8:28).

Um segundo exemplo: «Venho de um lar dividido. A minha mãe era crente, mas o meu pai, não. Ele não conseguia ter fé porque o pai dele, que era ministro religioso, tinha terminado os seus dias numa instituição psiquiátrica. A minha mãe e eu continuávamos a ir à igreja regularmente, mas eu nem por isso encontrava uma paz especial no meu coração.

«No trabalho, encontrei uma enfermeira que amava a Jesus e que parecia ser a resposta para a minha falta de paz. Mas só depois de ter completamente entregue o meu coração a Cristo e de tê-lo aceiteado como meu Salvador pessoal é que eu encontrei paz e alegria. Aconteceu no Michigão, Estados Unidos, na noite em que o meu marido estava sendo processado por 100.000 dólares. O homem que o processou dizia que os danos sofridos enquanto trabalhava para o meu marido lhe tinham causado total incapacidade de andar.

«De repente, ouviu-se um sinal de alarme na sala do tribunal e todos tiveram que correr e procurar abrigo. O primeiro que desceu as escadas, a correr, foi o homem que queria processar o meu marido. Ele esqueceu-se da sua incapacidade de andar e correu escadas abaixo mesmo diante dos jurados. Escusado será dizer que o juri se declarou em favor do meu marido.

Então, nessa mesma noite do julgamento, eu fiz a minha decisão por Cristo, porque fiquei segura de que o futuro estaria nas mãos de Deus.

«Eu fiz a minha decisão, mas o meu marido, não.

«Uma noite, ele estava a caminho de casa num camião com dois dos nossos filhos dormindo. Às três horas da manhã, adormeceu ao volante. Então, da parte de trás do camião, uma mão sacudi-o. Ele pensou que era a nossa filha de 8 anos, olhou para trás, mas viu que ela continuava profundamente adormecida. Pouco depois deste incidente, ele, também, entregou a sua vida a Cristo. Agora somos uma família feliz que trabalha para Jesus.

«Eis que Eu estou convosco, todos os dias, até à consumação do século» (Mat. 28:20).»

No nosso próximo artigo veremos mais duas chaves para um testemunho de êxito.

Candidatos à Apostasia

ITANEL FERRAZ

Naturalmente, nenhum membro da igreja pretende deixar a «Fé que uma vez foi dada aos santos». A descida de volta para o mundo não é feita num tropeção, mas lentamente. O primeiro sintoma de que já estamos na descida e a caminho da apostasia é a ausência à Escola Sabatina. Alguns chamam essa doença de «Morbus Sabbaticus» (Doença do Sábado).

O salmista expressou o seu desejo de estar em comunhão com Deus, na Sua Igreja, com as palavras: «Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo: quando irei e me verei perante a face de Deus?»

Deus acha-Se presente em toda a parte por meio do Seu Espírito. Na humilde cabana fala Ele ao coração de todos os que O escutam: Nas moradas da classe média Ele Se revela. Faz-Se ouvir nas mansões dos ricos.

Mas na casa de Deus, na igreja, na Escola Sabatina, Deus revela-Se a Seu povo de maneira especial. Esse pensamento enchia evidentemente o espírito de David, ao perguntar: «Quando irei e me verei perante a face de Deus?» Ele tinha a alma sedenta. Qual corça em terra sedenta, sentia a necessidade de ser refrigerado pelas águas, as águas celestes. Queria visitar o templo e ser aí inspirado por um senso da presença de Deus. Queria ter reavivadas as faculdades es-

pirituais por ver o sacrifício, os símbolos da salvação. Queria receber forças adorando juntamente com os da mesma fé.

David não sofria do «Morbus Sabbaticus» como acontece com muitos no século vinte. Disse certo escritor acerca dessa «doença»: «Os sintomas variam, mas nunca interferem com o apetite; nunca é chamado o médico; nunca dura mais que a manhã do sábado; é de algum modo aliviada pelo ouvir o serviço pelo rádio; se ocorrem repetidos ataques, poder-se-á demonstrar fatal à alma; é contagiosa. Os ataques vêm subitamente, por volta das nove horas da manhã do sábado, e duram até ao meio-dia. À tarde o doente se acha muito melhor, e está em condições de dar um passeio de automóvel. Vai ao trabalho como sempre no dia seguinte.»

O «Morbus Sabbaticus» nunca logra contagiar os que se acham espiritualmente robustos, de modo que nos convém ser muito cuidadosos com a nossa saúde espiritual, e os hábitos que a afetem.

Vamos à Escola Sabatina porque temos um encontro com Deus. É um encontro no qual Deus não falha. Os membros são candidatos à apostasia. Não pensam, não pretendem, não fazem planos para deixar a igreja, mas se continuarem ausentes da Escola Sabatina, já estão na descida, a qual fatalmente acabará no mundo e na perdição.

Gladstone, idoso e surdo, continuava indo à igreja. Alguém lhe perguntou: «Porque vai o senhor à igreja, sendo surdo?» Respondeu ele: «Ora, é para que saibam de que lado estou.» De que lado está meu prezado irmão? Assiste regularmente à Escola Sabatina?

I. Ferraz

Departamental da Escola Sabatina. Divisão Sul-Americana

1000 Dias de Colheita

Como é do conhecimento geral, nesta campanha evangelística dos 1000 DIAS DE COLHEITA, a nossa União tinha um alvo de 1000 baptismos.

Pedimos, nessa altura, que cada Igreja estudasse o alvo que se propunha a si própria e no-lo indicasse.

Assim, recebemos os impressos em que cada Igreja indicava os seus números. E tivemos oportunidade de fazer um mapa geral.

Com a ajuda de Deus, cada Igreja tem feito o seu melhor para alcançar os seus objectivos.

No fim do 4.º trimestre de 1984, o alvo da União estava em 585 baptismos realizados, divididos da seguinte maneira:

4.º trimestre de 1982:31

Ano de 1983: 267

Ano de 1984: 287

25 de Maio — Dia de Baptismos
Cada Igreja ou Grupo:
pelo menos UM CANDIDATO

As 10 Igrejas que maiores resultados apresentam são as seguintes:

Setúbal:	35	Funchal:	19
Coimbra:	31	Viseu:	18
Lisboa-Central:	35	Amadora:	18
Santarém:	21	Canelas:	17
O. do Douro:	21	Espinho:	17

Igrejas e Grupos há que não tiveram nenhum baptismo durante este mesmo período.

Propusemos o *dia 25 de Maio como um dia nacional de baptismos*, em que CADA IGREJA OU GRUPO DEVERIA TER, PELO MENOS, UM CANDIDATO.

Com a ajuda de Deus e o esforço de todos nós, poderemos ainda chegar ao nosso objectivo!

J. Morgado

1000 Dias de Colheita — Objectivos Alcançados

Até 31/12/84

	1000 Dias			Total	Alvo
	1982	1983	1984		
1 Açores — Angra	0	1	1	2	25
2 Açores — Pico	0	0	0	0	9
3 Açores — P. Delgada	0	4	6	10	12
4 Almada	0	6	2	8	15
5 Amadora	4	9	5	18	60
6 Arganil	0	0	3	3	12
7 Aveiro	0	4	7	11	17
8 Avintes	0	3	7	10	7
9 Baixa da Banheira	0	4	4	8	40
10 Barreiro	0	6	5	11	45
11 Braga	0	0	7	7	12
12 Cadaval	0	0	0	0	3
13 Caldas da Rainha	0	3	3	6	7
14 Canelas	0	13	4	17	40
15 Carregal do Sal	0	0	1	1	3
16 Cascais	0	5	11	16	25
17 Castelo Branco	1	5	1	7	13
18 Coimbra	0	9	22	31	35
19 Comenda	1	2	11	14	13
20 Corroios	0	0	1	1	7
21 Delães	0	4	9	13	7
22 Entroncamento	0	0	0	0	5
23 Ermesinde	0	5	5	10	12
24 Espinho	0	4	13	17	60
25 Faro	0	0	0	0	5
26 F. da Foz	0	3	7	10	15
27 Lagoa	0	4	1	5	5
28 Leiria	0	7	3	10	15
29 Lisboa — Alvalade	5	7	1	13	25
30 Lisboa — Central	1	15	9	25	80
31 Lisboa — G. Roçadas	5	0	0	5	12
32 Madeira — Funchal	3	20	6	29	40
33 Madeira — Caniço	0	3	1	4	10

	1000 Dias			Total	Alvo
	1982	1983	1984		
34 Matosinhos	0	8	8	16	12
35 Odivelas	3	6	0	9	20
36 Oliveira de Azeméis	1	0	0	1	10
37 Oliveira do Douro	0	6	15	21	35
38 Paivas	0	4	1	5	7
39 Peniche	0	1	3	4	3
40 Pero Negro	0	0	0	0	3
41 Portalegre	5	5	10	20	19
42 Portimão	0	5	4	9	5
43 Porto	0	7	14	21	60
44 Queluz	0	13	3	16	15
45 Reboleira	1	3	4	8	7
46 Ribeira de Nisa	0	3	1	4	7
47 Rio Maior	0	0	1	1	5
48 Salvaterra de Magos	0	11	0	11	25
49 Sangalhos	0	4	0	4	10
50 Santarém	3	11	7	21	26
51 Setúbal	5	13	17	35	45
52 Sintra	0	2	3	5	15
53 Tomar	2	4	3	9	18
54 Torres Vedras	0	3	0	3	7
55 Lapi — Vale Queimado	0	0	0	0	5
56 Vila do Conde	0	0	0	0	7
57 Vila Franca	0	0	2	2	7
58 V. Nova de Gaia	0	5	0	5	14
59 V. Nova Monsarros	0	5	4	9	7
60 V. Real Santo António	0	0	5	5	5
61 V. Real Trás os Montes	0	0	4	4	7
62 Viseu	0	9	9	18	15
63 Santana	0	0	4	4	3
64 Conferência	0	0	0	5	
65 Lages			6	6	10
66 Évora			3	3	
	31	267	287	585	1.130

Adiantemo-nos

Se os pais não se preocupam em cultivar as mentes férteis de seus filhos, Satanás terá oportunidade de semear a sua cizânia

HELLEN KELLY

Quando chegou a hora de culto, numa dessas noites de Inverno de zero graus, o meu filho Benny e eu chegámos a cadeira de balouço para perto da lareira. Ao ocuparmos os dois o mesmo assento, o espaço não era suficiente para estarmos muito comodamente sentados, mas permitia que nos sentíssemos mais aconchegados.

Todas as noites líamos duas histórias: uma do trimensário da Escola Sabatina e outra do volume 9 das *Belas Histórias da Bíblia*. Benny gostou da lição da Escola Sabatina que tratava da Criação. Impressionou-nos comprovar como se complementavam os acontecimentos finais da vida de Cristo com as lições da Escola Sabatina porque, quando líamos acerca da criação do mundo, também líamos acerca do Criador que se ajoelhava para lavar os pés aos seus discípulos; quando estudávamos a promessa feita a Adão e Eva, depois que pecaram, líamos o seu cumprimento quando a Semente prometida morreu na cruz.

Uma noite, depois de ter lido a história «Um dia muito sagrado», que recorda o período em que Jesus esteve na tumba, Benny suplicou:

— Mãe, lê a seguinte.

Ele sabia que a seguinte «Uma noite terrível» era a narração da gloriosa ressurreição.

— Amanhã à noite, prometi, ao ver que os ponteiros do relógio se aproximavam rapidamente da hora de ir dormir.

No dia seguinte Benny quase voou para colocar a cadeira no lugar habitual e deixou espaço para que eu me sentasse a seu lado.

— Hurra! — exclamou ele quando abriu o livro.

A sua expectativa era evidente. Ele sabia do que se iria tratar: as trevas anteriores ao amanhecer, os soldados adormecidos, o terramoto repentino, o anjo resplandecente, a pedra posta de lado e Jesus ressurrecto. Isto era igual a uma novela, mas verdadeira do princípio ao fim.

Porque razão, tanto para Benny como para nós,

é tão emocionante tudo o que se relaciona com a ressurreição?

Porque sem esse acontecimento seríamos «os mais miseráveis de todos os homens» (I Cor. 15:19).

O interesse que Benny demonstrou em ouvir esta história traz-me à memória a recordação dos meus dois filhos adolescentes que, quando eram mais pequenos, gostavam muito da história de Baltazar e da mão que escrevia na parede. Este episódio foi contado nas horas da refeição mais de uma vez.

O entusiasmo é contagioso. As histórias que nos falam das consequências do pecado, da eficácia da graça divina e do triunfo do bem sobre o mal colocadas todas no marco do amor de Deus — nunca envelhecem e podem emocionar-nos. As crianças têm a noção de justiça. Agrada-lhes saber que finalmente o bem triunfará sobre o mal.

Será possível, no entanto, que muitos dos nossos rapazes e meninas estejam desapontados com a Bíblia e com outros tipos de leitura edificante? Não será que se estão alimentando das «panelas do Egipto», programas de rádio e televisão sem nenhum valor e de leituras sem conteúdo?

Há muitos anos E. White escreveu: «Aflijo-me ao ver, em famílias cristãs, revistas e jornais contendo folhetins, os quais não deixam boa impressão no espírito. Tenho observado aqueles cujo gosto pelo romance foi assim cultivado.

As faculdades mais nobres, as que se adaptam às mais altas consecuições, foram rebaixadas à contemplação de assuntos triviais, ou ainda piores, até que a pessoa se satisfaz com esses temas, mal podendo alcançar qualquer coisa mais elevada» *Mensagens aos Jovens*, pág. 279.

Permitiremos que o maná da Palavra chegue a ser insípido para os nossos filhos, porque as suas mentes se nutriram de leituras impróprias?

«O melhor modo de impedir o desenvolvimento do mal é ocupar o terreno. O máximo cuidado e vigilância são precisos no cultivo do espírito e na sementeira, nele, das preciosas sementes da verdade bíblica». *Ibid.* pág. 280, 281.

Nós, pais, devemos dedicar tempo necessário para nos adiantarmos na ocupação do terreno das mentes férteis de nossos filhos, antes que Satanás tenha a oportunidade de aí semear a sua cizânia.

HELLEN KELLY

Escritora livre. Vive em Ridgetop, Tennessee, E.U.A

Traduzido da Revista Adventista de Espanha
Fernanda Amélia Santos, Colégio de O. Douro

I. Conceito de Lei no Pentateuco

ARMANDO A. COTTIM

É facilmente compreensível a importância da definição do conceito bíblico de Lei. Por um lado, porque a concepção Israelita de lei, sendo única, permitiu a Israel o atingir um conceito de moralidade desconhecido nas sociedades contemporâneas circunvizinhas,¹ conceito esse de tal modo elevado que ainda hoje serve de padrão ideal a atingir. Por outro lado, não podemos partir para o estudo do binómio *graça-lei* enquanto não definirmos o que é, em realidade, a Lei.

Se nos debruçamos sobre o conceito de lei no Pentateuco² é porque, apesar da evolução normal por que passam os conceitos ao longo do tempo, as noções essenciais deste conceito foram sempre estáveis, não conhecendo modificações significativas.³

No nosso estudo do conceito de Lei no Pentateuco, começaremos por um breve estudo etimológico, passaremos para a conceitualização dos termos usados para, finalmente, observarmos a tensão existente entre a universalização e a individualização do conceito de lei. Tudo isto, evidentemente, com as limitações inerentes ao formato de artigo.

Várias são as palavras usadas no Antigo Testamento para o conceito de lei.⁴ A mais usual, porém, é *torah*. O seu significado levar-nos-á a compreender qual o conceito bíblico primitivo da lei.

Torah deriva do verbo *yarah*, que significa «atirar», «apontar» e, por extensão, «ensinar», «instruir», «dirigir». ⁵ *Torah* tem, assim, significados que devem estar contidos neste lote.

De acordo com Frank Michaeli, *torah* refere-se a uma autoridade superior, uma decisão vinda de

um chefe, rei ou deus.⁶ T. W. Manson afirma que a tradução «lei» para a palavra *torah* é inadequada, embora faça parte do significado profundo deste vocábulo.⁷

O significado de *torah* é-nos clarificado por Léon Roth, ao afirmar: «A Lei (*Torah*) dos Judeus era um ensino, mais do que palavras escritas de um código jurídico.»⁸ Parece-nos, portanto, absolutamente digna de consideração a afirmação, feita por Ernest F. Kevan, de que a *torah* denota «direcção autorizada».⁹

Torah é, assim, muito mais que uma lei impessoal e despersonalizante; é uma «linha-guia para os que entraram no pacto com Yahweh.»¹⁰ Designa a linha de conduta que Deus gostaria de ver seguida pelos seres humanos.

A Lei (*torah*) sempre aparece depois de um acontecimento que marca o início, ou o re-início, do pacto entre Yahweh e o ser humano. O primeiro de todos os pactos foi realizado com Adão, no momento da criação. Yahweh dá vida ao ser humano e indica-lhe como manter o seu relacionamento com Ele dentro dos limites do pacto.¹¹ Não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal não era uma proibição fria, mas, sim, uma condição de permanência nos limites do pacto com Yahweh.

Outro exemplo flagrante do que acabamos de dizer é Abrão. Deus dá-Se a Abrão quando do chamado¹² e põe-lhe uma condição para se manter dentro do pacto: sair de Ur. Mais tarde¹³ o pacto que é retirado e nova condição é proposta: a circuncisão. Por fim, Yahweh pode afirmar de Abraão, que este cumpriu a Sua *torah*, a Sua lei, a Sua instrução.¹⁴

Esta noção torna-se mais clara quando examinamos os acontecimentos ocorridos no Sinai. Deus

libertara o povo de Israel do Egito; fizera deles o Seu povo.

Como povo de Yahweh, de aí em diante, duma forma até então desconhecida, os seus olhos viraram-se para Ele, esperando receber directrizes. Qual era a Sua vontade para eles? Como podiam manter o estatuto de Seu povo? De que forma podiam continuar a ser o Seu povo? Assim, este acto adicional de graça que foi a *torah* (instrução) era imperativo. Princípios latos foram apresentados nas, assim chamadas, «palavras», princípios sobre os quais se baseariam todas as relações subsequentes da comunidade que entrara no pacto.¹⁵

A *torah* não era um imperativo para salvação mas, sim, imperativamente necessária como directriz para um povo salvo pela graça.¹⁶ Yahweh salvara-os fisicamente e queria dar-Se-lhes até que aquele povo compreendesse estar salvo espiritualmente. Os seres individuais que compunham aquele povo deviam «fazer doação de si mesmos a Yahweh, entregando-se a Ele livre e respeitosamente, agradecida e amorosamente. A forma de expressar esta atitude espiritual de entrega, de demonstrar a sua autenticidade, de a provar com factos e de a aprofundar, era o cumprimento com as leis divinas.»¹⁷

A lei é lei somente na medida em que Deus é Deus; e é tal a ligação entre a Lei de Deus e a Sua majestade pessoal que, mesmo que não existisse lei revelada, o simples facto de conhecer o próprio Deus obrigaria o homem a ter em conta as Suas exigências.¹⁸

Estas palavras não são senão a reformulação do que Paulo já afirmou.¹⁹ Lembrem-nos, porém, a universalidade dos requerimentos divinos. Conquanto a *torah* haja sido dada a um grupo específico de seres humanos, num momento

histórico específico, não devemos, nem podemos, pensar na *torah* como algo de circunstancial; a *torah* foi, «fundamentalmente, uma revelação feita à Humanidade no seu conjunto.»²⁰

Como revelação feita à Humanidade, a *torah* é algo de exterior ao Homem. Não podemos, no entanto, deixar de compreender que, quando o Homem aceita as condições para se manter dentro do pacto estabelecido por Yahweh, a *torah* (essa linha-guia de conduta dada por Deus) passa a fazer parte do foro íntimo do próprio Homem. Como diz Léon Roth: «A Lei vem do exterior; mas, quando o homem atingiu o seu desenvolvimento mais elevado; não tem mais necessidade que lha ensinem, pois esta está inscrita dentro dele.»²¹

A *torah* torna-se, assim, uma vivência estreita com Deus; uma entrada do que é eterno na existência quotidiana do ser humano.²²

Vimos que o significado de *torah* (lei) é «instrução, ensino, e não lei no nosso sentido do termo. É a direcção divina para um povo supostamente consagrado, devendo ser reconhecida como tal.»²³ Neste contexto a resposta do ser

humano à *torah* é um acto de agradecimento.²⁴ Diz J. C. Rylaarsdam: «... a lei torna-se o instrumento de uma relação mútua na qual a fé responde ao amor. Isto transforma a lei numa forma de expressar gratidão.»²⁵

A *torah* não é, no pensamento bíblico, um factor de justificação ou de salvação. «Ainda que, externamente, o que Yahweh exigia fosse algo limitado, o seu cumprimento satisfazia-O na medida em que era a manifestação da entrega e da obediência interior.»²⁶

A Lei, no Pentateuco, é considerada, portanto, como um corpo de directrizes destinadas a permitir que o Homem demonstre a Deus o seu agradecimento pela salvação concedida; agradecimento aceitável a Deus na medida em que realizada dentro dos limites da Sua revelação.

Referências Bíblicas

- 1 Cf. Joseph Jensen, *God's Word to Israel*, (Boston; Allyn and Bacon, 2nd ed., 1968), p. 124
- 2 Designação técnica para o primeiros cinco livros da Bíblia
- 3 Cf. F. Michaeli, «Lei — AT» in *Vocabulário Bíblico*, J. J. von Allmen, ed., (S. Paulo; ASTE, 2.ª ed., 1972), p. 225, que diz: «Qualquer que seja a evolução do sentido da palavra *torah* no judaísmo, as nações essenciais, que

se prendem à ideia de lei no AT, permanecem as mesmas.»

- 4 Entre outras, *dabar, mitsvah, mishpat, dath e hoqq.*
- 5 F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*, (Oxford; Clarendon Press, 10th ed., 1977), pp. 434, 435.
- 6 F. Michaeli, *op. cit.*, p. 224. Como a confirmar esta afirmação está o facto de, em Assírio, *toretu* designar a lei dos deuses. Cf. R. B. Girdlestone, *Synonyms of the Old Testament*, (Grand Rapids, Mich.; Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1978), p. 206
- 7 *Ethics and the Gospel*, 1960, pp. 28, 29, citado por E. F. Kevan, *La Ley y el Evangelio*, (Barcelona; Ediciones Evangelicas Europeas, 2.ª ed. 1973), p. 58
- 8 L. Roth, *La Pensée Juive, Facteur de Civilisation*, (Paris; UNESCO, 1954), p. 22
- 9 Ernest F. Kevan, *op. cit.*, p. 58
- 10 J.M. Myers, *Grace and Torah*, (Philadelphia; Fortress Press, 1975), p. 16
- 11 Cf. Génesis 2:16, 17 exemplo primeiro de direito apodictico na Bíblia.
- 12 Génesis 12:1-9
- 13 Génesis 17:1-14
- 14 Génesis 26:5
- 15 J. M. Myers, *op. cit.*, p. 16
- 16 Cf. J. Jensen, *op. cit.*, p. 122 onde lemos: «Muitas bênçãos deveriam ser derramadas sobre os Israelitas através do pacto ... mas estas eram o resultado de serem o Povo de Deus e não recompensas pela obediência às leis.»
- 17 Johannes Schildenberger, «La Religion del Antiguo Testamento», in *Cristo y las Religiones de la Tierra*, vol. 3, Franz Könnig, ed., (Madrid; La Editorial Católica, SA, B.A.C. 208, 2.ª ed., 1970), p. 462
- 18 E. F. Kevan, *op. cit.*, p. 43
- 19 Romanos 2:14-16
- 20 Ernest F. Kevan, *op. cit.*, p. 57
- 21 L. Roth, *op. cit.*, p. 23
- 22 *ibidem*
- 23 J. M. Myers, *op. cit.*, p. 17
- 24 *ibidem*
- 25 J. C. Rylaarsdam, *The Interpreter's Bible*, vol. 1, (New York-Nashville; Abingdon-Cokesbury Press, 1952), p. 980
- 26 J. Schildenberger, *op. cit.*, p. 462. Quando compreendemos isto, concluímos não existir nenhuma possibilidade de salvação baseada na observância da lei, facto que torna absolutamente incongruente a expressão «salvação pelas obras», expressão que deveria deixar de existir no vocabulário cristão.

Curso de Doutrinas em Oliveira do Douro 11-30 de Agosto de 1985

3.º Ano

• Responsável: PASTOR ERNESTO FERREIRA

Disciplinas:

1. Introdução ao Novo Testamento
2. Desenvolvimento histórico das doutrinas adventistas
3. Organização da Igreja
4. Estudos Bíblicos e Técnicas de Evangelismo

Condições:

Inscrição

Esc. 1 000\$00

Alimentação e Alojamento

Esc. 7 000\$00

Inscrições em Boletim próprio até ao fim de Junho



NOTÍCIAS do campo

Notícias de Évora

Posso todas as coisas naquele que me fortalece» Fil. 4:13.

O passado dia 27 de Outubro foi dia de festa para a comunidade Adventista de Évora. Depois de muito esforço, de muitas canseiras e dificuldades, foi finalmente inaugurada a nova igreja desta localidade. Pudemos, assim, deixar a pequenina sala alugada onde nos reuníamos, para ocuparmos um lugar mais adaptado à solenidade e importância da Obra que temos a fazer, e, simultaneamente, mais digno para apresentar a mensagem da breve volta de Jesus.

Foi, portanto, com os nossos corações plenos de alegria que abrimos as portas desta nova igreja, a fim de nela entrarem os muitos irmãos e amigos que, de carro ou em excursão, nos deram o prazer da sua visita, nesta ocasião.

O programa devocional começou às 10,30 horas com as actividades da Escola Sabatina, dirigida pelos jovens da igreja de Setúbal. Da parte da tarde, teve lugar o programa de inauguração e dedicação propriamente dito, estando presentes à cerimónia os irmãos Presidente e Secretário-Tesoureiro da União, respectivamente Pastores Joaquim Morgado e João dos Santos, além dos Pastores António Gameiro, de Setúbal, Eduardo Graça, de Coimbra, Dr. Daniel Esteves e o Pastor local. Do programa, variado e agradável, salientamos apenas alguns aspectos:

— A história da igreja em Évora esteve a cargo do Pastor António Gameiro, que traçou a caminhada desta comunidade desde o seu início, há mais de 20 anos, até ao momento presente, pedindo a Deus que abençoasse e dirigisse o trabalho e dedicação dos irmãos desta cidade;

— o culto solene de dedicação e consagração foi proferido pelo Pastor João dos Santos, e incluiu um estudo sobre o baptismo;

— A leitura responsiva, na qual todos os presentes colaboraram, foi dirigida pelo Pastor Eduardo Graça

— A oração de dedicação e consagração foi feita pelo Pastor Morgado, que pediu as bênçãos de Deus para este novo local de culto.

Depois de terminada a cerimónia da inauguração teve lugar a organização e estabelecimento da igreja de Évora, até então dependente da igreja de Setúbal.

Seguiu-se uma cerimónia baptismal, realizada pelo Pastor António Gameiro, na qual três preciosas almas selaram o seu pacto com o Salvador. Foram elas as irmãs Antónia Gertrudes Raminhos Fialho e sua mãe, Margarida Raminhos, da Vidiueira, e o irmão Ramiro Navalho, de

Évora. A estes novos irmãos desejamos as maiores bênçãos de Deus e o apoio do Santo Espírito. Ao veemente apelo final do Pastor Gameiro, seis visitas se levantaram e foram até à frente para que orássemos por elas.

Com esta cerimónia encerraram-se as actividades deste dia cheio de bênçãos e de alegria. Gostaríamos de, através destas linhas, expressar a nossa gratidão a todos quantos, de qualquer modo, tornaram possível a realização deste sonho. Os nossos agradecimentos vão para a União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, que pôs ao nosso dispor os fundos necessários para a aquisição e remodelação do edifício; para os operários que executaram os trabalhos, para os irmãos de Évora, de Setúbal e de Matosinhos que deram a sua preciosa colaboração nos acabamentos, electricidade, pinturas, etc. Os nossos agradecimentos vão também para os irmãos e amigos que nos visitaram de Setúbal, Lisboa e outros lugares, e que participaram através de cânticos e números musicais, ou simplesmente com a sua presença, nas actividades deste dia.

Plano de Cinco Dias

Como preparação para uma campanha de evangelização, que deveria realizar-se de 8 a 24 de Novembro passado, tivemos, de 22 a 26 de Outubro, um Plano de 5 Dias para deixar de fumar, dirigido pelo Dr. Daniel Esteves e pelo Pastor Eduardo Graça. O Plano foi realizado no próprio edifício da igreja, apenas terminando e ainda não dedicado.

Tivemos, para este Plano de 5 Dias a preciosa colaboração de 4 colportores numa campanha Saúde e Lar. Foram eles os irmãos António Lima, Eurico Dias, José Dias e Rogério Santos que, com dedicação, se dispuseram a deixar algum tempo os seus territórios respectivos para virem até Évora. Além do seu importante trabalho, estes devotados e incansáveis irmãos deram-nos, também, a sua ajuda na terminação dos bancos, distribuição de convites, etc. Aqui fica o nosso sincero muito obrigado para essa equipa de lutadores de Deus.

Os resultados do Plano foram encorajadores. Não tivemos uma assistência muito numerosa, mas a média de pessoas regularmente presentes foi de 25, das quais 18 deixaram de fumar. No fundo, conseguimos algo muito importante: foi quebrar certos preconceitos, certas ideias presentes na mente de muitas pessoas, que antes estavam fechadas a tudo o que vinha da nossa parte e que agora são as primeiras a pedir-nos que façamos outro Plano, pois há muitas pessoas interessadas. É um autêntico desafio que, esperamos, o Senhor nos ajudará a encarar e superar, para Sua honra e glória. Aqui fi-

cam também os nossos agradecimentos sinceros ao Dr. Daniel Esteves e ao Pastor Graça pelo esforço, dedicação e paciência que puseram neste Plano de 5 Dias.

Campanha de Evangelização

Depois do Plano de 5 Dias e da inauguração da nova igreja, tivemos, de 8 a 24 de Novembro, um esforço de evangelização dirigido pelo pastor Juvenal Gomes, que veio acompanhado da sua esposa. Durante 15 noites, tivemos o privilégio de poder contar com a valiosa colaboração e experiência desses irmãos. Tivemos a alegria de ver presentes, em muitas reuniões, alguns dos amigos que nos tinham visitado durante o Plano de 5 Dias, além de outras visitas.

Começámos esta série de reuniões com apenas 3 visitas, mas graças ao Senhor, o número foi aumentado substancialmente até chegarmos aos 35 presentes na última noite. Pena foi que não fossem sempre os mesmos que estivessem presentes, já que houve uma certa flutuação na assistência. No entanto, estamos felizes pelo modo como o Senhor dirigiu este esforço. Estamos felizes por podermos acompanhar mais de uma dezena de pessoas, na sequência de estudos doutrinários, esperando que o Espírito Santo dê o crescimento e maturidade à semente que foi semeada.

Muitos dos visitantes que tivemos puderam receber uma Bíblia, ou um *Desejado de Todas as Nações*, ao realizarmos pequenos concursos bíblicos durante as reuniões. Estamos seguros de que não foi em vão o esforço despendido.

Pelo Espírito do Senhor foi, também, possível entrar em contacto com almas interessadas em mais duas localidades: no Redondo, graças à protecção e cuidado de Deus sobre um jovem que se ausentara de casa, estamos dando estudos bíblicos a 7 membros da família e a uma vizinha; em Moura, onde, graças a um jovem casal de irmãos vindos de Genebra — o irmão Fernando Paulino e esposa, irmã Ana Paula — pudemos começar a estudar com 3 pessoas as verdades da Palavra de Deus.

O trabalho não é fácil, em muitos lugares. Ainda existe, por toda a parte, uma barreira que, pelo poder de Deus, pode ser vencida.

Os irmãos da igreja de Évora desejam entregar-se ao Senhor, dedicar-se mais ao Seu serviço, pondo na última batalha as suas forças e capacidades. Agradecemos aos irmãos as vossas orações e esperamos no Senhor ver, muito em breve, crescer o número dos membros desta ainda pequena comunidade eborense.

Manuel Ferro
Pastor da igreja de Évora

Notícias de Ermesinde

Ermesinde é uma freguesia-dormitório da cidade do Porto. Aqui existe uma das mais recentes Igrejas Adventistas, organizada nos tempos do Pastor José Manuel de Matos, há precisamente cinco anos. Um grande impulso foi dado a esta jovem Igreja pelo jovem Pastor Paulo Morgado. Hoje contamos com 52 membros inscritos sob a direcção do Pastor Juvenal Gomes.

A Igreja de Ermesinde está instalada numa pequena sala, no r/c de uma moradia sob um contrato a prazo de cinco anos, que expira em Agosto deste ano. Em Setembro de 1984 o proprietário teve a amabilidade de nos informar que no fim do contrato necessitaria das instalações, pelo que teremos de abandonar o local. Estamos na rua!

Esta Igreja, tendo no seu meio homens e mulheres consagrados ao Senhor, não foi apanhada totalmente de surpresa. Desde Janeiro de 1984 que organizaram um plano para a angariação de fundos para a construção de um novo Templo. Assim, de colecta em colecta, de exposição em exposição, a Igreja de Ermesinde, que conta apenas com 40 dos seus 52 membros inscritos, conseguiu atingir um montante superior a 600 contos durante 1984.

Lembramo-nos que em Ermesinde somos todos de humilde condição, pelo que damos graças a Deus pelas bênçãos que derramou sobre nós.

Ermesinde quer também agradecer à União e à Divisão pelo montante oferecido para a aquisição do terreno para o novo Templo. Estamos neste momento envolvidos no processo da Escritura e nos anteprojectos. Esperamos poder contar com instalações para as reuniões espirituais assim como para a formação de um Jardim de Infância, isto na primeira fase.

Sem dúvida que esta Igreja está eletrizada no que respeita à construção do novo Templo e seus fundos, mas não está menos motivada quanto ao plano de salvar almas que possam vir a preencher os bancos do referido Templo.

Segundo o plano que o Pastor João Belo dos Santos nos apresentou, em reunião de obreiros, Ermesinde pôs-se ao labor. A foto que vos enviamos refere-se a uma dessas saídas missionárias que realizamos de 15 em 15 dias.

Em Ermesinde todos trabalham, desde o tição mais jovem até ao adulto mais idoso. Todos organizados, dois a dois, de porta a porta, em ruas pré-determinadas, vamos levar o evangelho aqueles que abrirem o coração à influência do Espírito Santo. Nós temos a nossa esperança no Senhor e sabemos que Ele nos abençoará tanto na construção do novo Templo como no trabalho em favor das almas. Para Deus não há impossíveis!!!

Ao colocarmos a primeira pedra no novo terreno queremos dizer como Samuel, em *Mispá* e *Sem*, ao colocar a pe-



A Igreja de Ermesinde em dia de saída missionária

dra: **EBENEZER!**, isto é: «Até aqui nos ajudou o Senhor» (I Sam. 7:12)

Quim Nogueira.
Pastor da Igreja de Ermesinde

Notícias de Ponta Delgada

«O ESPÍRITO DE CRISTO CHAMATE» foi com este título que se iniciou uma semana de reavivamento, na cidade de Ponta Delgada, para a qual foram distribuídos 500 convites. Esta semana teve lugar de 10 a 17 de Novembro de 1984, sendo dirigida pelo evangelista regional, Pastor José Luís Esteves, e tratando dos seguintes temas:

— «JESUS CRISTO E A ACÇÃO DO ESPÍRITO SANTO»

— «QUEM É O VERDADEIRO VIGÁRIO DE CRISTO?»

— «O SELAMENTO E BAPTISMO DO ESPÍRITO SANTO»

— «OS DONS E FRUTOS DO ESPÍRITO SANTO»

— «O ESPÍRITO SANTO E O DOM DE LÍNGUAS»

— «O HOMEM É O TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO»

— «OS PROFETAS; A BÍBLIA E O ESPÍRITO SANTO»

— «NEM POR FORÇA NEM POR VIO-LÊNCIA, MAS 'PELO MEU ESPÍRITO'»

Durante este período de reuniões, tivemos uma média de 19 presenças, 5 das quais eram visitas.

Já em 1902, a serva do Senhor escreveu: «Precisa de haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo.» *Mensagens Escolhidas* vol. I, pág. 128.

Estamos nós conscientes disto?

Este é um assunto de importância vital.

Enquanto não reconhecermos a necessidade do Espírito Santo nas nossas vidas, e não nos dispusermos a receber este dom, haverá «sequidão espiritual, escuridão espiritual, e espirituais declínio e morte.» *Actos dos Apóstolos*, pág. 50. São assim travadas as possibilidades, de prosperidade da Igreja.

«É apenas a influência deste poder, do alto, na vida de cada filho de Deus, onde quer que se encontre, que produzirá poder espiritual suficiente, a fim de terminarmos a obra que Deus nos confiou.

Sem Ele estaremos votados ao fracasso.

«Se todos estivessem dispostos, todos seriam cheios do Espírito Santo.» *Actos dos Apóstolos*, pág. 50.

Com este propósito, desejamos que, cada semana de reavivamento, possa verdadeiramente despertar-nos da letargia espiritual, para que não se constitua mortal.

Que o Senhor nos abençoe e nos fortaleça com o poder do Espírito Santo.

A. M. Teixeira
Pastor da Igreja de Ponta Delgada, Açores.

Apelo

Se houver algum irmão ou irmã, que possua mais do que um dos seguintes livros e não se importe de dispensar um deles, agradecemos contacto o pastor M. N. Cordeiro, Rego Travesso, Cruz da Areia, 2400 LEIRIA, indicando o preço para posterior compra:

- Heróis de Todas as Épocas
- O Mistério da Caverna
- Meditação Matinal de 1977, da Ir.^a E. G. White.

Muito obrigado

Notícias da Ilha do Pico

Foi motivo de muito prazer para os crentes, tanto dos Fetais, como do Cais do Pico, terem sido levadas a efeito duas Campanhas de Evangelização simultâneas, respectivamente, nos Fetais da Piedade e Cais do Pico, pelo Pastor José Luís Esteves. O frio, fortes vendavais e frequentes chuvadas não impediram a presença tanto de membros como de visitas noite após noite nessas Igrejas.

Uma Mão invisível operou:

Durante os doze dias de conferências, quase sempre choveu, quer de dia, quer de noite, porém, houve sempre certa margem desde a saída dos lares para as salas de culto e respectivo regresso, em que pouco ou nada choveu.

Com a bênção de Deus e as suas dinâmicas mensagens, o Pastor Esteves conseguiu atrair a todos de tal maneira que, membros que já estiveram nos E.U., se lembraram do Pastor Billy Graham.

As vinte e quatro conferências movimentaram 930 pessoas, cuja média de presenças nos Fetais foi de 40 visitas, média de membros 11. A média de visitas no Cais foi de 22, de membros 5. No final das conferências foram distribuídas 37 Bíblias e 15 livros impressos pela nossa Publicadora Atlântico, sendo 24 Bíblias nos Fetais e 5 livros; no Cais, 13 Bíblias e 10 livros.

Alguns dos visitantes nos Fetais vieram da Calheta, a cerca de 3 Km, pois os Irs. Casal F. Pereira proveram-lhes meio de transporte; ainda os mesmos irmãos convidaram algumas pessoas da Ribeirinha, sítio que dista cerca de 5 Km do local das conferências. Enfim, há cerca de 60 pessoas que precisam de ser assistidas por um Pastor, que aliás já foi pedido, para que em tempo oportuno estas preciosas almas se decidam por Jesus.

J. Mendonça
Pastor Adventista reformado

EDIFÍCIO DA HORTA Ilha do Faial, Açores

Precisam-se de dois pedreiros que queiram, nos meses de verão, proceder à reparação do edifício onde será instalada a Igreja Adventista da Horta.

Respostas para:

J. MORGADO
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex

Notícias do Fundão

Plano de 5 Dias

O Plano de 5 Dias para deixar de fumar, realizado no Casino Fundanense, nos dias 5, 6, 7, 8 e 9 de Novembro passado, conduzidos, na parte médica, pelo Dr. Daniel Esteves, e na psicológica, pelo pastor Eduardo Graça, teve um bom êxito. Com uma assistência média de 47 pessoas, cerca de vinte chegaram ao fim com o desejo forte de deixar de fumar.

Alguns dias depois, várias pessoas deram o seu testemunho de que o Plano apresentado foi um bem para a povoação e que outros se deveriam seguir. Agora sabem que, afinal, é bom o que os adventistas organizam.

Armando Sousa
Membro da Igreja do Fundão



O Pastor Oliveira, pastor da Igreja do Fundão, ladeado pelo Dr. D. Esteves e Pastor E. Graça.



*Assistência
ao Plano de
Cinco Dias*

Daqui PORTO SANTO!...

Seguindo a ordem de nosso Senhor Jesus Cristo «ide e ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo», «Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho ensinado...» teve lugar, no dia 13 de Setembro p.p. a maravilhosa dádiva do Céu, pois duas almas decidiram iniciar «o Novo Caminho» de vitórias para O Lar Eterno», entregando-se a Jesus, pelo baptismo!

As duas «primícias» de Porto Santo são as nossas Irmãs D. Maria Augusta Rodrigues e D. Maria Suzete Reynolds.

Estamos gratos ao Senhor por «esta oferta» a Porto Santo.

Também damos graças a Deus pelos contrastes e choques, por vezes benéficos, e temos a certeza de que, ao realizarse o primeiro baptismo por «imersão»,

ele terá suscitado interrogações nas pessoas que o presenciaram, e noutros a quem deram a «notícia»!

Agora continuaremos o nosso trabalho nos lares, e graças a Deus já temos mais estudos!

Queridos Irmãos, agradecemos que continuem orando pelo «trabalho» aqui em Porto Santo! Que o Senhor nos conduza aos corações contritos e sinceros para que estas almas possam receber o Verdadeiro Evangelho da Salvação. Desejamos «Porto Santo» para Cristo!

Embora, em face da dificuldade do «trabalho» aqui, e que cada vez será maior por parte do inimigo das almas, estamos trabalhando abertamente, apesar das afrontas e atitudes pouco amistosas e bem prejudiciais dos líderes religiosos locais, continuamos animados no Senhor e no amor pelo nosso próximo.

Claro que há *prós* e *contras*, sempre houve e haverá em todos os tempos, por isso eu e a minha mulher oramos também ao Senhor para que nos conduza!



Aos jovens que vão vindo cada manhã de domingo para as «Ocupações de Tempos Livres», além e primeiro que as ocupações, lhes estamos ensinando o Verdadeiro Evangelho, e também através de histórias em «slides» e contadas, procuramos ajudá-los na sua formação!

Estamos procurando por todos os meios que mais almas possam ser agregadas aos que se preparam para a Vinda do Senhor, o Rei da Glória, o Rei do Amor, o Rei Eterno!

MARANATA!...
Saúdam-vos em Cristo
Os Irmãos

M.ª Piedade e F. Nogueira

Festa de Natal em Espinho

Foi com grande alegria que no dia 21 de Dezembro demos início às festas de NATAL 84, realizando a primeira no Salão Paroquial de Espinho, no dia 22, no Salão do Centro Cultural do Torrão do Lameiro-Ovar, e dia 23, no Salão Paroquial de Silvalde-Espinho, com o seguinte programa:

LAPI — Jovens para Serviço Voluntário nas Férias

Aceitam-se Jovens que desejem prestar serviço voluntário no nosso Lar Para Pessoas Idosas, em Salvaterra de Magos.

Condições:

- * Alojamento e alimentação
- * Viagem de ida e volta, pelo preço mais económico, por períodos mínimos de 15 dias.

Escrever para:

DIRECÇÃO DO LAPI: Rua Joaquim Bonifácio, 17 • 1199 Lisboa Codex

— Peça de Natal sobre o Nascimento de Cristo;

— Alguns hinos entoados pelo Coral da Igreja de Espinho.

Embora tivéssemos muitos convidados a assistir às nossas festas de Natal, é de registar o facto de no Salão Paroquial de Silvalde-Espinho estarem presentes algumas centenas de pessoas, local que visitámos pela segunda vez, pois já lá tínhamos apresentado um programa de Páscoa, pelo Coral de Espinho, contámos também com a presença do pároco da freguesia que nos agraciou com algumas palavras de apreço pela organização deste programa de Natal.

No dia 25 de Dezembro, dia de Natal, tivemos a festa de Natal na Igreja onde além do programa apresentado nos outros locais, contámos com a colaboração, bastante apreciada, das crianças da igreja.

Em resumo, poder-se-á dizer que em todas as festas apareciam pessoas interessadas na mensagem Adventista. Agora a ceifa pertence a Deus.

Sidónio Novo

Aguardando a Ressurreição

António Costa

Foi com tristeza que, no dia 1 de Agosto de 1984, tomámos conhecimento do falecimento do irmão António Costa, nascido a 27 de Janeiro de 1904, no Sardal, freguesia da Benfeita. A cerimónia fúnebre foi conduzida pelo pastor Armando A. Cottim.

Vivendo no Enxudro, zona fria de montanha beirã, o irmão Costa, na companhia da esposa, passava o período mais frio do ano em Lisboa, mas nada o impedia de voltar à sua terra sempre que a temperatura se tornava mais amena.

Os seus vizinhos deram testemunho da sua fé, afirmando, com palavras bem claras, que ele «amava muito o seu Jesus».

Aos familiares, tanto aos que se encontram na nossa região como aos que estão radicados na zona da capital, manifestamos a nossa simpatia e os desejos de que a graça desse Jesus, que o irmão Costa tanto amava, permita que todos o voltem a encontrar na Nova Terra.

Paula Cristina Loureiro

Vicente Ferraz

No passado dia 21 de Novembro de 1984, no lugar de Roliça, concelho do Bombarral, tivemos o pesar de acompanhar à sua última morada, o nosso irmão Vicente Ferraz.

Baptizado há longos anos em Lisboa, Igreja Central, frequentou sucessivamente as igrejas de Odívetas, Luanda, Lobito e Nova Lisboa, dividindo ultimamente a sua colaboração entre as igrejas de Alvalade e Caldas da Rainha.

Pessoa muito estimada de todos e de um zelo missionário invulgar, por todos os lados onde passou, não se cansou de falar da sua esperança que guardou no seu coração até ao último dia: a vinda gloriosa do Senhor Jesus. Pelo seu amor e dedicação, muitas almas vieram ao conhecimento da Verdade.

No último adeus ao nosso saudoso irmão, estiveram presentes muitos irmãos das igrejas de Caldas da Rainha e Alvalade, tendo sido a cerimónia fúnebre dirigida pelo Pastor Sabino e pelo signatário.



da pelo Pastor Sabino e pelo signatário.

À esposa enlutada, irmã Assunção Ferraz, vai todo o nosso pesar e simpatia e a esperança de um breve reencontro na manhã da ressurreição.

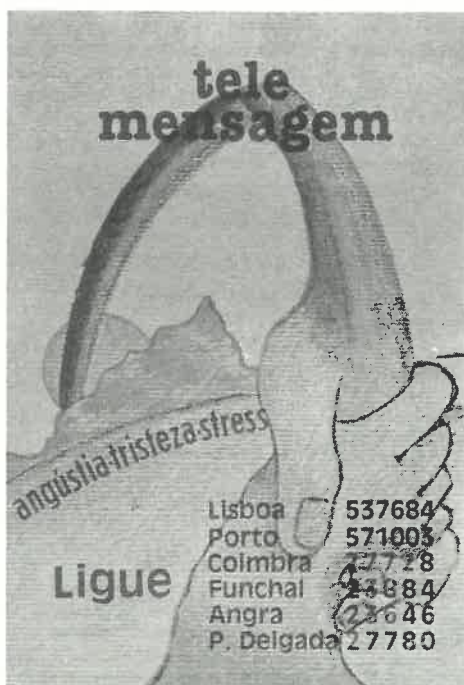
Rogério Fernandes
Caldas da Rainha

Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Necessita de um Irmão que conheça Agricultura e saiba tratar de pomar.

Escrever para:

Director do Colégio de Oliveira do Douro
Rua do Jorgim, 166
Oliveira do Douro
4400 VILA NOVA DE GAIA

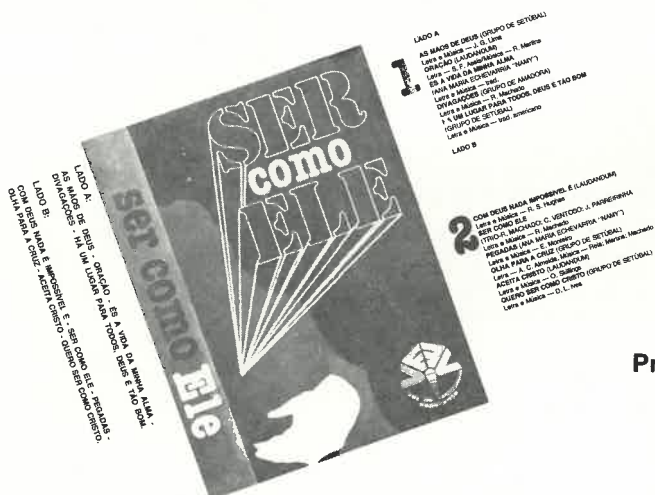


A VOZ DA ESPERANÇA

O Rádio e o Evangelho a Todo o Portugal
9 Programas Semanais

140 minutos de Mensagem em 8 Postos Emissores

- LISBOA** — RDP Comercial — Domingos às 21,45 H — 290 M-1035 Klc
— 282 M-1062 Klc
- PORTO** — Domingos às 9,00 H — PR3 Local — 190,7 M-1394 Klc
- CARAMULO** — Sábados às 18,30 H — 205 M-1460 Klc
- GUARDA** — «Rádio Altitude» — Domingos às 9,45 H — 200,8 M-1495 Klc
- MADEIRA** — «Estação Particular de Radiodifusão» — Sábados às 19,15 H — 225 M-1331 Klc
- AÇORES** — Santa Maria — «Clube Asas do Atlântico» — Quintas às 19,30 H — 191 M-1560 Klc
— Angra do Heroísmo — «Rádio Clube de Angra» — Segundas e Sextas às 19,00 H — 215,2 M-1394 Klc
— Ponta Delgada — Quintas às 19,15 H — 359 M-836 Klc



Preços:

Venda ao público: Esc. 330\$00

Soc. Missionárias: Desconto de 20%

Membros: Desconto de 10%

Pedidos:

Voz da Esperança
Apartado 1030
1001 Lisboa Codex

ou

Livraria da União
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex